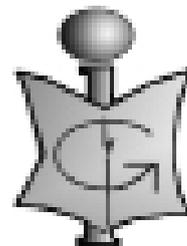




Boletim Informativo do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus-BA. - Ano IX – Nº 17 - JUN/ JUL - 2009

INFORME GEOGRÁFICO

ISSN 1982-8039



A REPRESENTAÇÃO REAL DO TERRITÓRIO

É necessária uma maior fundamentação técnica e científica, partindo daqueles que estão avaliando, sejam geógrafos ou não, para se obter uma maior compreensão sobre as configurações espaciais que resultam das práticas sociais, pois, o indivíduo que não frisar o domínio dos diversos formatos de representação desses conhecimentos está impedido de discorrer sobre essas feições do território que não estejam impressos em sua memória.

As formas de representações (mapas, fotos, maquetes, etc.), desde o início das primeiras técnicas cartográficas até os dias de hoje, são empregadas pelas ciências (História, Geografia, Geologia, etc.) e pelo ensino de Geografia. Porém, o modo como esses instrumentos são trabalhados em sala de aula, não possibilita aos estudantes uma maior compreensão e noção da representatividade de cada objeto no espaço. De acordo com o que podemos observar, as representações cartográficas são efetuadas de forma cartesiana pelos professores, uma prática pedagógica que não permite a associação entre o cotidiano do sujeito com o que está sendo explanado, dessa forma a assimilação e precedente acomodação mental do aluno tornam-se mais difíceis.

De acordo com o grau de entendimento do indivíduo, a respeito das transformações que acontecem no espaço geográfico, ele pode interagir e colaborar na construção ou (des)construção do mesmo, demonstrando com isso, o fruto do trabalho social. Dessa forma, para que os docentes da Geografia não caiam no abismo da Cartografia puramente mecanicista, vista como um processo artístico e matemático, desligado dos conteúdos geográficos, os mesmos devem re-avaliar as suas práticas pedagógicas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1997) para o ensino de Geografia para o 3º e 4º ciclos

(5º a 8º) foram destinados ao eixo quatro, "A Cartografia como instrumento na aproximação dos lugares e do mundo", para a abordagem da linguagem cartográfica.

Lidar com os conteúdos da Cartografia em sala de aula, não tem sido muito fácil, de acordo com as dificuldades encontradas entre os professores e alunos. Os conceitos científicos, amparados nas práticas repetitivas e pouco elucidadas, são passados de forma bastante sim-

plificada), colocando o mapa como um objeto de ensino em lugar de linguagem. Na verdade muitos professores não só lecionam dessa forma como consideram realmente a Cartografia uma ciência, ensinando-a como um objeto meramente ilustrativo e não a usam como ferramenta de caráter aprofundador dos estudos de Geografia sobre os fenômenos representados e espacializados.

Perante a esse problema de caráter pedagógico apresentado, o

Rodrigo Teixeira Gesteira*

tualizando a representação exposta. Os recursos didáticos mais sugeridos para um melhor desenvolvimento da proposta metodológica apresentada são: maquetes, cartões-postais, imagens de satélite, mapas. A utilização de todo e qualquer tipo de recurso sugerido estará voltada para o objetivo central que é a comparação do território real e sua representação. Sendo assim, os recursos podem ser aplicados e discutidos por diversas maneiras. Será que o problema advém de um ensino que traz forte tradição sustentada na transposição e simplificação de conteúdos científicos? Ou será que é devido ao fato dos professores tratarem as representações como objeto de ensino utilizando-o de forma cartesiana?

Diversas são as reflexões, já que se trata de um campo extenso, recheado de significados que podem ser expandidos e bem trabalhados tanto pelos professores quanto pelos alunos. Considerando o desafio que é ensinar mapas e outras diferentes maneiras de representação do espaço real para alunos de qualquer classe, este presente artigo desenvolve uma análise das práticas docentes que auxiliam de modo interativo e crítico no aprendizado do sujeito. Deduz-se, então, que inúmeras são as inseguranças e que o caminho a cursar ainda é extenso, isso irá, claramente depender muito do corpo docente para que uma linguagem geográfica seja mais bem desenvolvida. Desta maneira, as sugestões que tiveram enfoque nesse artigo não se apresentam como receitas prontas e finalizadas, mas sim, como elementos que possam fermentar a criatividade do professor e incrementar suas práticas na sala de aula.

* Estudante do curso de Licenciatura em Geografia (UESC)



Aula do projeto: O Jovem Cientista no Micro-Macro Mundo dos Artrópodes na Escola Municipal Profª Karin Barkemeyer (Joinville - SC), um verdadeiro exemplo de aplicação da cartografia escolar.

plificada. Como já comentado por OLIVEIRA, (1988, p. 76), ao ser abordado a didática que vem sendo aplicada a Cartografia escolar, "o mapa é usado como recurso audiovisual, e até agora não se considerou devidamente o ensino do mapa, e sim o ensino pelo mapa." A visão da Cartografia como ciência, que é passada através dos livros didáticos de Geografia, estimula a transmissão simplória dos seus conceitos. Com isso, os professores acabam por ensinar os seus elementos de forma separada, como se fossem conteúdos (localização, escala, profissão e le-

seguinte questionamento é exposto: Como realizar um estudo comparativo do território real e sua representação, empregando os vários modos de representatividade cartográfica no ensino fundamental?

Perante a problemática apresentada, cabe ao professor por em prática metodologias de ensino que possam conscientizar o aluno que as representações cartográficas imprimem uma realidade atemporal, ou seja, não desvendam as práticas sociais vigentes no momento em que estão sendo apresentadas. Daí a importância em estar sempre contex-



Transposição do Rio São Francisco: verdades (in)convenientes

Bruno Vinhas Matos *



ção das matas entre muitos outros riscos, fazendo com que a população que seria beneficiada sofra com os impactos. Um dos principais argumentos dos defensores é que uma pequena quantidade das águas do “Velho Chico” será captada pelos canais de transposição, segundo o Governo apenas 1%, dos 5% que são consumidos ao longo do rio, já que os outros 95% da água é despejada na foz sem nenhum uso.

Por fim, o que acontece é que a transferência de água de uma área da bacia para outras regiões é considerada apenas em aspectos pontuais sem considerar a complexidade do que ocorre e ocorrerá com esses processos. Entre as alternativas apontadas para a transposição, está o melhor gerenciamento dos recursos hídricos do semi-árido, o investimento em obras não acabadas, a construção de uma cultura de convivência com a problemática da seca e a busca de alternativas simples e viáveis. Podemos então, a título de conclusão, afirmar que toda a sociedade brasileira deveria ter acesso aos propósitos e debater essa problemática e não apenas o que se define como áreas dos comitês da Bacia do SF. Assim, podemos concordar com João Suassuna quando diz que “A natureza não tem fronteira administrativa”.

* Estudante do curso de Licenciatura em Geografia (UESC)

Referências
MAGALHÃES, Tânia; OLIVEIRA, Cecy. Um grande projeto ou uma sentença de morte? Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/docs/tropico/desat/bio.html>. Acesso em 19 out. 2008.
ADEODATO, Sérgio. Briga pelas águas do Velho Chico. Atualidades e Vestibular. Rio de Janeiro, Editora Abril, p. 146 - 149. 1º semestre de 2008.

TECNOLOGIA E PROCESSOS SOCIAIS

Paulo Roberto Tavares de Souza *

O uso das novas tecnologias da informação e comunicação (TIC's) pela sociedade contemporânea tem revolucionado os processos sociais sob vários aspectos. Seja na economia globalizada, nas discussões políticas agregando grandes grupos compostos por distintas nações, ou na revolução das relações pessoais, os usos de instrumentos tecnológicos têm mudado a forma de interação entre as pessoas nos mais diversos ambientes.

Esse fato traz várias indagações a respeito das relações sociais. Ainda segundo Siqueira (2004), a existência dessas redes pode descaracterizar valores tradicionais e até mesmo desconstruir algumas dessas relações. Por outro lado, nesse novo mundo somos forçados a passar por um processo de constante reconstrução, o que já é inerente ao modo de vida em comunidade.

A comunidade que agora se forma é concebida sob o codinome de comunidade virtual, a qual é definida por diversos pesquisadores (FERNBACK & THOMPSON apud PRIMO, 1997; RHEINGOLD apud PRIMO, 1997) como um conjunto de relações sociais estabelecidas através da internet por um determinado grupo de pessoas, e têm segundo Ávila (apud PRIMO, 1975), três características fundamentais: I – Contigüidade espacial; II – Consciência de interesses comuns; III – Participação em uma obra comum. Para esses pesquisadores, a particularidade desses espaços está na diminuição das possibilidades de encontros reais nas cidades (RHEINGOLD apud PRIMO, 1997) e a agregação de indivíduos orientada pelo senso comum, e não mais por especificidades geográficas.

A reunião das pessoas em torno dessa organização social no mundo virtual é focada no interesse pela discussão de temas comuns. Contudo, diversos são os fatores que colocam em discussão a real potencialidade desse modo de organização. Tais fatores vão desde a já indagada descaracterização dos valores sociais, até o surgimento de grande quantidade de lixo virtual.

Sobre esses aspectos algumas questões devem ser levantadas:

I – Como salientado por Baudrillard (apud PRIMO, 1997), o advento das comunidades virtuais pode modificar as representações pessoais que temos do mundo, da política, do real e do social? Respondendo a tal

questionamento Lemos (apud PRIMO, 1997) diz que o ciberespaço não é desconectado da realidade. Ele seria um espaço intermediário que potencializa a sociabilidade.

II - A necessidade de instrumentos e condições mínimas de acesso ao mundo virtual pode tornar esse meio de comunicação mais um modo de exclusão maciça dos menos favorecidos? Nesse ponto em especial, surge a principal diferença entre esses ambientes virtuais e os tradicionais espaços físicos de encontros, onde a presença física e a utilização de linguagem verbal são os únicos fatores preponderantes para o processo de comunicação. Como em todo e qualquer meio social, somente com o real exercício da democracia será possível dinamizar os processos de comunicação em ambientes virtuais. Seja a partir de políticas públicas, seja através de ações da sociedade organizada, é preciso, antes de tudo, viabilizar o acesso de todos ao mundo virtual. Isso aliás, não é só um ato democrático, mas um processo de enriquecimento do diálogo e das discussões produzidas nesses ambientes.

Entre os desafios para os educadores da sociedade em rede pode-se citar: dosar a utilização das novas tecnologias na busca do aprimoramento dos procedimentos educacionais; orientar a busca de informações relevantes no mundo virtual, visando a fuga do lixo virtual despejado continuamente na rede; e, principalmente, orientar seus educandos no intuito de equilibrar as ações emocionais que regem as relações por comunidades geograficamente reunidas e as novas formas de agregações sociais emergentes e entendidas como comunidades virtuais.

* Estudante do Curso de Especialização em Educação a Distância, pela UNEB.

Referências

SIQUEIRA, H. S. G. Sociedade em rede: conexões e desconexões. *Jornal A Razão*. 1 jul. 2004.

KENSKI, V. M. Das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem. Relatório de Pesquisa. Disponível em: <http://www.ccead.puc-rio.br/evolutia/evolutia.asp> - Acesso em 20 ago. 2007.

PRIMO, A. F. T. A emergência das comunidades virtuais. In: *Intercom 1997 – XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Santos, 1997. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/comunidades_virtuais.pdf - Acesso em 23 mai. 2009.

INFORME GEOGRÁFICO

Boletim Informativo do Curso de Geografia – UESC
INFORME GEOGRÁFICO - ISSN 1982-8039

Blog: www.informegeografico.blogspot.com

E-mail: informegeografico@gmail.com

Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC - Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16. CEP: 45.662-000 - Ilhéus - Bahia - Brasil

Fundador: Saulo Rondinelli (abril / 2001)

Comissão Editorial: - Alan Azevedo Pereira dos Santos (alansantos_18@hotmail.com) - Evilânias Bento da Cunha (evilaniageo@yahoo.com.br) - Greiziane Araújo Queiroz (greiziane@hotmail.com) - Jorman dos Santos (jorman@bol.com.br) - Liliane Matos Góes (goes.liliane@yahoo.com.br) - Saulo Rondinelli Xavier da Silva (geoilheus@hotmail.com)

Colaboradores: Ingrid Emmanuele Vieira Santos (lelinha28@hotmail.com) - Reinaldo Martins Lemos (reilemos@bol.com.br)

Projeto Gráfico / Diagramação: Marcos Maurício (www.marcosmauricio.blogspot.com)

Impressão: Gráfica da UESC

Os artigos/textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, a opinião do BIG.

Consulte as normas de submissão em nosso Blog. www.informegeografico.blogspot.com

A CONSERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E O AQUECIMENTO GLOBAL

De acordo com a resolução CONAMA 306:2002, “Meio Ambiente é o conjunto de condições, leis, influencia e interações de ordem física, química, biológica, social, cultural e urbanística, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”. Com os problemas ambientais provocados pelo homem nos últimos tempos e a ameaça do aquecimento global, a questão da conservação ambiental tem sido muito discutida, ou seja, o homem tem dado mais importância à preservação do meio ambiente.

No Brasil, diversas atividades contribuem para a degradação ambiental, dentre elas destacam-se a emissão de gases do efeito estufa, que aceleram o aquecimento global, provenientes das queimadas, desflorestamentos, da queima de combustíveis fósseis, da agricultura e pecuária. Entre as



possíveis conseqüências do aquecimento global no Brasil, os cenários do IPCC prevêem a savanização da Amazônia e a transformação do semi-árido em deserto, além de implicações na economia do país e na vida da população, de modo geral.

Fundamental para a vida em nosso planeta, o meio ambiente tem se tornado uma preocupação em todas as partes do mundo. O desmatamento, queimadas, poluição de indústrias, poluição dos rios, oceanos, mares e lagos, podem ocasionar, em breve, a falta de reservas no Planeta Terra. Caso não ocorra uma mudança drástica no modo do homem usá-lo, logo estaremos pagando por ela o mesmo valor que pagamos hoje pelo petróleo. Pesquisas feitas pela Comissão Mundial de Água (CMA) mostram que cerca de 3 bilhões de habitantes no nosso Planeta estão vivendo sem o mínimo necessário de condições sanitárias. Outros 1 milhão não tem acesso a água

Mariana Monteles da Silva *
Heibe Santana da Silva **
Mikaele do Nascimento Campos **

potável. Na junção destes dois problemas, espalham-se diversas epidemias como diarreia, leptospirose, esquistossomose, hepatite e febre tifóide. Todas essas doenças matam cerca de 5 milhões de pessoas por ano, sem contar os milhões de enfermos que lotam hospitais e postos de saúde destes países.

A questão da preservação e da conservação ambiental ganha destaque no Brasil a partir da década de 1970, quando do surgimento de grupos que apontaram à necessidade de incluir o tema do meio ambiente nas discussões da sociedade. Na década seguinte, com a redemocratização do Brasil, cresce o número de organizações não governamentais ambientalistas e surgem novas propostas de preservação do meio ambiente. Algumas se transformam em políticas públicas, dando contornos mais definidos à legislação ambiental brasileira. No âmbito mundial, o projeto mais concreto e eficaz foi o protocolo de Kyoto, que visa à diminuição na porcentagem de emissão de gases poluentes expelidos pelos países. A conservação e preservação dos ambientes naturais representam uma contribuição fundamental do país no combate às mudanças climáticas, na manutenção da biodiversidade e do modo de vida das pessoas que são diretamente afetadas pelas conseqüências do aquecimento global.

* Estudante do Curso de Licenciatura em Geografia (UEMA)
** Estudantes do Curso de Licenciatura em Geografia (UESC)

NOTAS - NOTAS - NOTAS - NOTAS - NOTAS

LANÇAMENTO



Acaba de ser lançado pela Editus o livro “Noção Social do Território – Em busca de um conceito didático em Geografia: a territorialidade”, do professor Natanael Reis Bomfim. Nesta obra, o autor se preocupa, essencialmente, em esclarecer os elos entre o social, a pedagogia e a didática para uma proposta de intervenção social.

Maiores informações:
www.uesc.br/editora

III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO GEOAMBIENTAL

No início de junho de 2009, durante a “Semana do Meio Ambiente” (programação anual do Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães – CMLEM, de Ipiaú-BA) realizou-se o III Seminário de Educação Geoambiental.

Nesta edição, foi oficializada uma parceria entre o CMLEM – SEC-BA, a Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC (através do Programa de Mestrado em Cultura e Turismo e do Boletim Informativo Geográfico), o Instituto

Brasileiro de Educação, Cultura e Turismo - IBEC e a Faculdade Santo Agostinho - FACSA. O evento teve como tema central: “Saúde, Meio Ambiente e Sustentabilidade”, e ofereceu mini-cursos sobre: “Doenças Infecções e degradação ambiental” (Profª Lucy Lima Muniz Ferreira e Prof. Giovanni Guimarães Rosário, professores do CMLEM) e, “Ecoturismo em Unidades de Conservação” (Prof. Carlos Alfredo Ferraz de Oliveira, Mestrando em Cultura e Turismo – UESC).

Através de palestras e mini-cursos, o evento abordou assuntos de interesse geral, como a crise mundial quanto ao nosso modelo de vida e os seus efeitos sobre o ambiente, o que nos faz rever nossos valores e princípios na busca de um “comportamento sustentável”. O modelo econômico focado no crescimento a qualquer custo, a limitação na idéia do “desenvolvimento zero”, a competitividade como regra e a concentração de riquezas que levaram o mundo a um abismo social sem precedentes e ao possível colapso ambiental, foram os principais focos da palestra “Desenvolvimento Sustentável: realidade ou utopia?”, proferida pela Profª Santina Maria Gonçalves (Mestranda em Cultura e Turismo – UESC).

Maiores informações:
<http://geoilheus.tripod.com>

Paulo Roberto Tavares de Souza e Saulo Rondinelli Xavier da Silva

Organizadores do III Seminário de Educação Geoambiental



ENTREVISTA: Francisco Lima Filho (Parte 2)

“Não foram apenas os cacauicultores que perderam com a crise”

Um dos grandes cacauicultores no tempo áureo da cultura cacauaieira, hoje busca novas alternativas para tentar sobreviver.

Nesta edição o Boletim Informe Geográfico (BIG) publica a segunda parte da entrevista realizada pelo graduando (Geografia, UESC) Demilson S. Silva, com o senhor Francisco Lima Filho, ou simplesmente Chico Lima, como é conhecido pelos fregueses de seu bar, é um dos muitos cacauicultores que viram seu patrimônio se esvaír em meio à última crise da lavoura cacauaieira.

Demilson Silva (DS) – O padrão de vida da sua família modificou-se com a crise da região cacauaieira?

GEO Poesia

Três odes às cidades

Apenas concreto
Empilhado e estendido
Com escadas, portas, pontes
Carros e janelas
Não é o pomar em flor
Ou o rio prateado
Que agrada aos olhos
E inspira sonhos
Ainda assim, como consegues?
Como pode ser tão bela?
Como pode assim tão fria
Ser arte, beleza, poesia?

Eu preciso aspirar teu ar
Infestado pela fuligem fabril
Enquanto cruzo a imunda atmosfera de tuas manhãs
Eu preciso ouvir a melodia
De tuas engrenagens
A sonoridade que emites noite e dia
E da qual sou eco
Eu preciso ser parte de ti
Tanto quanto me fazes veloz.

Velocidade, veloz cidade!
Velas pelos teus
Que vagam pelas tuas?
Ruas.
Voracidade, voraz cidade!
Alimentas os teus
Que guardam as tuas?
Ruas.
Cumplicidade, cúmplice cidade!
Abres os olhos aos teus
Que pedem nas tuas?
Ruas.
Simplicidade, simples cidade!
Que serias sem os teus
Que constroem as tuas?
Ruas, ruas.

Gleise Silva Alves - Estudante do Curso de Licenciatura em Geografia (UESC)

Francisco Lima (FL) – Com a crise, padrão de vida de minha família despencou. Foi lá para baixo. Quando meus filhos precisaram de mim para custear os seus estudos eu já estava em meio à crise, praticamente sem nenhum recurso. Não vou lhe falar em quantidade de bens, mas só para você ter uma idéia, meu patrimônio antes de 1989, girava em torno de 4,5 milhões de reais. Hoje, não chega a 500 mil reais.

DS – Houve a necessidade de o senhor se desfazer de bens para poder manter o padrão de vida de sua família?

FL – Sim. De vários.

DS – Em que e onde o senhor costumava empregar ou gastar seu dinheiro antes da crise?

FL – Nas minhas propriedades. Nunca tive propriedades fora da região. Sempre vivi e investir todo dinheiro nas fazendas e me arrependo disso, pois não estaria nessa situação se tivesse feito diferente.

DS – E hoje com que o senhor gasta o seu dinheiro?

FL – Não há mais dinheiro para gastar.

DS – Uma das conseqüências das crises sucessivas da cultura do cacau foi o endividamento do cacauicultor. O senhor também está passando por esse problema?

FL – Sim, principalmente com o Banco do Brasil.

DS – O senhor defende o perdão da dívida dos cacauicultores da região para com o governo?

FL – Não diria perdão. A questão é bem mais complexa. O Estado, na verdade, é que deveria indenizar os cacauicultores. Veja bem, de 1956 até 1985, eu e os demais cacauicultores da região pagamos uma taxa anual de 15%

de todo o cacau comercializado para a CEPLAC - Comissão Executiva de Planejamento da Lavoura Cacauaieira. Durante esse período, no qual a CEPLAC ainda não pertencia à União, foi criado e mantido todo um sistema de barreiras fitossanitárias.

Em 1985, Delfim Neto limpa todos os cofres da CEPLAC e esta passa a pertencer à União. As barreiras fitossanitárias passam a não mais existir. Com isso, ficou um monte de técnicos fitossanitaristas na CEPLAC sem ter o que fazer. O que se tem em seguida é a introdução da vassoura-de-bruxa de forma criminosa, como todos tem conhecimento. Quando o Estado errou com a questão dos porcos no Sul ele indenizou os suinocultores; nas diversas vezes em que incorreu em erro na vacinação contra a febre aftosa, sendo os pecuaristas obrigados a sacrificar os seus rebanhos, o Estado os indenizou. Por que aqui haveria de ser diferente?

DS – O senhor acredita em dias melhores?

FL – Sim. O grande lance que falta nessa região é representatividade política. Hoje temos apenas um deputado federal para representar toda região. É pouco.

Desde 1989 que estamos carentes de representatividade no cenário nacional. Durante todos esses anos, os governos que aí estiveram não têm nos assistido. Quando muito, tem nos feito de cobaias. Havia uma comissão de combate à vassoura-de-bruxa, criada no governo Collor, da qual eu fazia parte. Com a entrada de Itamar Franco, essa comissão foi desfeita sob a alegação de que não havia dinheiro. A questão da clonagem, que já está aí há algum tempo, você planta cem pés para ter bons resultados em



Foto: Demilson Silva

“Eu produzia, em média, 15000 arroubas anuais de cacau. Hoje, produzo de 400 a 1000, quando a vassoura de bruxa deixa.”

quatro ou cinco. Tem uma tal de uma vacina também que vou começar agora a aplicar nos cacauais. Mas é isso. São medidas paliativas, muitas vezes experimentais, que não visam resolver de forma concreta o problema da região. Ou seja, enquanto não elegermos homens capazes não só de nos representar, mas de defender os interesses da nossa região lá em cima no congresso, permaneceremos nessa situação. Às vezes questionam: mas por que ajudar a um bando de cacauicultores falidos? Mas não foram apenas os cacauicultores que perderam com a crise. Do vendedor de picolé ao cacauicultor, passando pelo lojista, pelo peão, todos perderam. São mais de 200 mil trabalhadores rurais que ficaram desempregados sem ter o que fazer.

H	V	B	R	P	A	L	B	J	N	D	X	U	H	G
C	O	J	T	K	X	P	O	N	U	U	P	L	F	Y
S	X	P	F	D	C	V	M	O	N	Q	C	S	O	X
X	M	D	M	T	F	Q	H	Q	E	F	H	C	V	N
H	L	V	G	N	F	C	G	B	A	Q	C	W	C	H
V	M	C	V	N	Q	H	C	O	T	I	L	O	O	Z
R	H	C	K	S	E	U	G	E	R	A	U	T	I	X
T	A	I	G	Q	H	U	E	W	Y	P	D	S	A	A
K	T	W	F	F	N	S	U	P	P	L	T	G	H	V
X	W	D	L	X	U	W	F	H	P	M	J	N	R	Q
N	A	T	W	A	R	G	N	A	O	I	S	P	A	Y
K	C	W	G	R	O	Y	S	K	F	R	H	P	D	X
A	C	W	E	D	A	R	E	M	O	L	G	A	Q	W
D	T	O	Y	N	P	J	O	E	R	X	K	F	D	P
Q	D	H	W	K	F	S	P	P	L	G	C	W	T	A

GEO CAÇA-PALAVRAS

- Tribo nômade, que vive no Mali, no Níger e no deserto do Saara
- Pequena enseada ou baía, apresenta-se menor que um golfo
- Animal fóssil ou petrificado
- Rocha constituída de vários fragmentos vulcânicos fundidos pela ação intensa de calor
- Estreita faixa de terra que liga uma península a um continente